

MEMÓRIAS DO ESPAÇO NA PRODUÇÃO LÍRICA DE CORA CORALINA

MEMORIES OF SPACE IN THE LYRICAL PRODUCTION OF CORA CORALINA

Julia da Silva Dantas¹

Rosineia Da Silva Ferreira²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar os poemas de Cora por outra perspectiva, o espaço é considerado um elemento formador e constituinte da narrativa lírica que contribui para uma visão artística, não sendo mais tão relegado. Essa proposta interpretativa não estabelece um conflito entre o espaço e os outros elementos constitutivos, pelo contrário, é capaz de esclarecer como os elementos se coadunam e se inter-relacionam dentro da poesia; por exemplo, uma outra visão sobre o espaço possibilita ampliar possibilidades interpretativas fazendo com que seja uma abordagem explicitadora e não limitadora. Os poemas são construídos a partir das suas memórias individuais e de memória coletiva, assim como são performadas as vivências de sua vida como uma base muito sólida para a sua produção lírica, que se caracteriza como uma escrita de si. As bases teóricas que sustentam o trabalho são os textos *História do Espaço Literatura* (2005) e *Espaços Literários e suas Expansões* (2007) de Luis Alberto Brandão, bem como *Espaços da Recordação* (2011) de Aleida Assmann; *O corpo utópico, as heterotopias* (2013) de Michel Foucault; *A memória, a história e o esquecimento* de Paul Ricoeur (2007). Além de *Cora Coralina* (2008) de Darcy França Denilégio e *Meu Livro de Cordel* (1997) de Cora Coralina.

PALAVRAS-CHAVE: Cora Coralina; espaço; memória; poemas.

ABSTRACT: The aim of this work is to analyze the poems of Cora from another perspective, space is considered a formative and constituent element of the lyrical narrative that contributes to an artistic vision, being no longer so relegated. This interpretive proposal does not establish a conflict between space and the other constituent elements, on the contrary, it is able to clarify how the elements are compatible and interrelated within poetry; for example, another view on space makes it possible to broaden interpretive possibilities by making it an explicit and non-limiting approach. The poems are constructed from their individual memories and collective memory, as well as the experiences of their life are performed as a very solid base for their lyrical production, which is characterized as a writing of self. The theoretical bases that support the work are the texts *Literature Space* (2005) and *Literary Spaces and their Expansions* (2007) by Luis Alberto Brandão, as well as *Spaces of Remembrance* (2011) by Aleida Assmann; *The utopian body, the heterotopias* (2013) by Michel Foucault; *The memory, the history and the forgetfulness* of Paul Ricoeur (2007). In addition to *Cora Coralina* (2008) by Darcy France Denilégio and *My Book of Cord* (1997) by Cora Coralina.

KEYWORDS: Cora Coralina; space; memory; poems

¹Graduando em Letras Português pela Universidade Federal de Mato Grosso – Brasil. E-mail: juliasilvadantas2001@gmail.com.

² Mestrando em Literatura na Universidade de Brasília – Brasil. E-mail: rosineia.ferreira@gmail.com.

1. Introdução

É sabido que o espaço é elemento fundamental para a criação de uma narrativa, ficcional ou não, o espaço está presente sempre e junto com o tempo e o enredo, compõe uma obra literária. O espaço como elemento da narrativa é definido de forma recorrente, apenas como um pano de fundo para o desenrolar dos acontecimentos, perspectiva oriunda da “primazia teórica da História (derivada da noção de que o espaço é um mero ‘cenário’ para o desenrolar do tempo)”. (BRANDÃO, 2005, p. 117)

Desde o formalismo russo, o Novo Criticismo norte-americano, até o estruturalismo francês e as vanguardas, durante todo esse período “a categoria espaço não ocupa posição de destaque nas teorizações de tais correntes” (BRANDÃO, 2005, p. 118). A partir dos anos 60 e 70 se inicia uma radicalização da compreensão da relação entre tempo e espaço e o questionamento do paradigma que focaliza o espaço como pano de fundo.

Apesar de ainda ser colocado como secundário no estruturalismo e de ser considerado como elemento operador realista, ou seja, uma tarefa acessória segundo Roland Barthes (1972), gradualmente “o espaço passa a ser tratado não apenas como categoria identificável em obras, mas como sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica.” (BRANDÃO, 2005, p. 120).

Pretende-se nesse trabalho analisar a produção lírica da autora goiana Cora Coralina, por meio dos poemas publicados em *Cora Coralina* (2008) de Darcy França Denófrio e *Meu Livro de Cordel* (1997) de Cora Coralina, apontando como os poemas são construídos a partir das memórias da autora, sendo perceptível como suas experiências de vida constituem uma base muito sólida para a sua produção lírica, que se caracteriza como uma escrita de si.

E também identificar, dentro dos poemas, as questões das análises espaciais apresentadas pelos autores, nos textos *Breve História do Espaço na Teoria Literária* (2005) e *Espaços Literários e suas Expansões* (2007) de Luis Alberto Brandão, bem como *Espaços da Recordação* (2011) de Aleida Assmann; *O corpo utópico, as heterotopias* (2013) de Michel Foucault; *A memória, a história e o esquecimento* de Paul Ricouer (2007).

2. Quem Foi Cora Coralina

Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas nasceu em 20 de agosto de 1889 na Cidade de Goiás e faleceu em 10 de abril de 1985 em Goiânia, tendo vivido por noventa e seis anos, teve um importante papel na literatura brasileira e principalmente na literatura goiana. Anna começou a escrever ainda na juventude, por volta dos catorze anos de idade, a princípio sua produção não teve grande divulgação e mesmo escrevendo por toda a vida seu primeiro livro foi publicado no ano de 1965.

Quase centenária, Anna teve uma vida recheada de acontecimentos de grande relevância, como já mencionado anteriormente, nasceu na Cidade de Goiás e após onze anos muda-se com a família para Mossâmedes, também no interior do estado de Goiás. A partir daí Anna passa cinquenta e seis anos de sua vida fora da cidade natal.

Foi no ano de 1904 que ela adotou o pseudônimo Cora, ao qual agregaria posteriormente o Coralina. Em 1905 envia uma crônica para o jornal carioca *Tribuna Espírita*, e em 1908 juntamente com suas amigas de escola cria o jornal “A Rosa” e publica alguns contos e poemas. Já no ano de 1910 publicou o conto “Tragédia na Roça” no *Anuário Histórico e Geográfico do Estado de Goiás*; esse conjunto de publicações em tempo próximo poderia caracterizar um possível momento da sua escrita.

No ano de 1911 ela foge com o noivo para o interior de São Paulo, onde construiu sua nova família tendo seis filhos e passou um tempo trabalhando como doceira. Não há registros de sua produção nesse período após mudar de cidade, entretanto no ano de 1922 foi convidada para participar da Semana de Arte Moderna sendo impedida pelo próprio marido.

Posteriormente, em 1956 Cora retorna para sua cidade natal Goiás, aprende a datilografar e dá início à uma série de publicações dos textos que escrevera ao longo da vida. Em 1965 publicou seu primeiro livro *Poemas dos Becos de Goiás e outras Estórias Mais*, em 1970 toma posse da cadeira número cinco da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, em 1976 publicou *Meu livro de Cordel*, em 1980 *Os meninos verdes*. No ano de 1982 recebe o título de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Goiás e recebeu o Prêmio Intelectual do Ano. No ano de 1983 recebeu o Prêmio Juca Pato com o livro *Vintém de Cobre (1983) - Meias Confissões de Aninha* sendo a primeira escritora do país a recebê-lo. Em 1984 foi nomeada para a cadeira número trinta e oito da Academia Goiana de Letras.

No ano de 1985 Anna faleceu mas também foi o ano em que publicou o livro *Estórias da*

casa velha da ponte. Após seu falecimento, suas obras continuaram a ser publicadas postumamente, as quais são *O Tesouro da Casa Velha* (1996), *A Moeda de ouro que um pato engoliu* (1999), *Vila Boa de Goiás* (2001), *O Prato Azul Pombinho* (2001).

Cora Coralina foi uma importantíssima poeta e contista, diferente do que se pensa no imaginário popular não começou a escrever já idosa, sua produção foi desenvolvida ao longo de toda sua vida. Tornou-se mais conhecida após ter contato com Carlos Drummond de Andrade, que a apresentou para o Brasil, reproduz-se abaixo o belíssimo comentário do autor sobre a escritora:

Minha querida amiga Cora Coralina: Seu Vintém de Cobre é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não nos pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia (...).(DRUMMOND, 1979, in AMABILE, 2012).

É importante apresentar a biografia da autora em questão para que se possa compreender a relação entre as experiências de vida e sua produção lírica, elementos como a casa onde morou em Goiás, o Rio que passava do lado se fazem muito presentes nos poemas. Diversos acontecimentos de sua vida são retratados em seus poemas, então é interessante primeiro conhecer a autora para que seja mais fácil estabelecer as conexões existentes em suas obras.

3. Revisão de literatura

Cora Coralina produziu uma gama de obras, tanto em poesia quanto em prosa e até mesmo livros infantis, em seus trabalhos é muito comum encontrar retratos da sociedade, da cidade, dos costumes das pessoas, enfim Cora fez um trabalho abrangente que envolve múltiplas possibilidades interpretativas. Nesse sentido muitos autores desenvolvem análises de suas obras, sem a intenção de elencar todos apresentamos aqui alguns exemplos para ilustrar: o artigo *Das cantigas do beco: cidade e sociedade na poesia de Cora Coralina* de Clóvis Carvalho Brito busca analisar a representação da sociedade e dos indivíduos marginalizados no contexto do poema *Becos de Goiás*.

Por outro lado, o artigo *Poesia e memória em Cora Coralina*, de Goiandira de F. Ortiz de Camargo investiga a configuração e construção da memória por meio das tensões entre o vivido e

o lembrado em resgate. Já o artigo *Cora Coralina: a Poética do Sabor* de Andréa Ferreira Delgado estabelece um inventário das representações desenvolvidas em torno da imagem monumental de Cora em torno do ofício de doceira e também dos aspectos valorativos, biológicos e sensoriais articulados à alimentação observáveis nos poemas de Cora.

Além disso Cora Coralina também foi protagonista de tese de doutorado, Andrea Ferreira Delgado apresentou a tese intitulada *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias* investiga a construção da imagem de Cora Coralina como Mulher-Monumento a partir da autobiografia por ela tecida, além de analisar as estratégias de estabelecimento da Cidade de Goiás como histórica e turística e esmiuçar “a rede discursiva que estabelece os sentidos e os significados para os signos do passado inscritos na materialidade urbana” (DELGADO, 2003)

4. O espaço como elemento intrínseco à produção lírica

Em *O corpo utópico, as heterotopias*, Michel Foucault apresenta o conceito de heterotopia como um espaço absolutamente outro, um lugar à margem e contestador. É possível perceber a representação dos espaços heterotópicos da Cidade de Goiás no poema “Becos de Goiás”, ao retratar a realidade dos becos, Cora Coralina evidencia os fenômenos teorizados por Foucault.

Por exemplo, Foucault usa o termo heterotopia de desvio para designar os espaços “reservados aos indivíduos cujo comportamento é desviante relativamente à média ou à norma exigida” (FOUCAULT, 2013, p. 22). Isso pode ser notado nos seguintes trechos:

dos becos da minha terra,
suspeitos... mal afamados
onde família de conceito não passava.

‘Lugar de gatinha’ - diziam, virando a cara. (CORALINA, in DENÓFRIO, 2008, p. 258)

O beco como “lugar de gatinha onde família de conceito não passava” se relaciona com a afirmação de que é reservado ao indivíduo destoante da média, reiterando-se na imagem do menino maltrapilho e da prostituta nos seguintes trechos:

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade

Franzino, maltrapilho

Becos de mulher perdida.

Becos de mulheres da vida.

Renegadas, confinada

Prostituta anemiada,

solitária, hética, engalicada,

tossindo, escarrando sangue

na umidade suja do beco. (CORALINA, in DENÓFRIO, 2008, p. 258)

Foucault argumenta que “as heterotopias possuem sempre um sistema de abertura e de fechamento que as isola em relação ao espaço circundante” (2013, p. 26), o beco seria portanto a corporificação mais nítida de uma heterotopia até mesmo pela sua lógica espacial, além de configurar o reduto dos indivíduos marginalizados possui também esse sistema de abertura e fechamento por se tratar de uma rua estreita e às vezes sem saída, geralmente sem trânsito de veículos.

Outro ponto apresentado por Foucault é que “em geral, não se entra em uma heterotopia como em um moinho, entra-se porque se é obrigado” (2013, p. 26) estabelecendo uma interdisciplinaridade com a sociologia e a antropologia que estudam os fatores sociais condicionantes da situação de rua de tais indivíduos. Nesse sentido Luís Alberto Brandão argumenta que o espaço pode carregar um “conteúdo social – portanto reconhecível extratextualmente – que se projeta no texto” (2007, p. 207).

Em *Espaços da Recordação*, Aleida Assman diferencia o *genetivus objetivus* do *genetivus subjetivus*, sendo o primeiro “uma memória que se recorda dos locais” enquanto que o segundo é “uma memória que está por si só situada nos locais” (ASSMAN, 2011, p. 317). Ambos são perceptíveis na produção lírica de Cora Coralina, entretanto o *genetivus subjetivus* é de maior interesse por isso terá uma posição de destaque na análise.

Assman argumenta que os espaços possuem a capacidade de se tornarem os próprios portadores da recordação e “possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos” (ASSMAN, 2011, p. 317). Isso se verifica no poema Jabuticabal que possui como tema principal o desenvolvimento da cultura cafeeira no Brasil, veja bem:

Vieram os homens escuros
e derrubaram a mata,
espantaram as feras.
Depois chegaram os colonos
de olhos claros e cabelos cor de palha

Nesse primeiro excerto, Cora faz menção a episódios extremamente significativos da história nacional. Ao empregar o termo “homens escuros” se refere aos negros escravizados e o trabalho forçado por eles desenvolvido no cenário da escravidão. Mais adiante aponta “os colonos de olhos claros e cabelos cor de palha” em nítida referência aos europeus que colonizaram o Brasil, a ordem em que Cora narra os fatos remete ao processo de expansão do território colonial rumo ao interior do país, e retrata também a ordem histórica em que eles se desenrolaram.

Semearam filhos
e semearam a gleba
e cresceu o cafezal
com suas floradas de esperança
e seus frutos vermelhos.

Uma nova floresta ordenada
e ritmada se estendeu,
e cobriu Jaboticabal.

Fazendas, Fazendeiros
Sítios, sítiantes
Lavouras que se estendiam
na grande comarca que ia até as
extremas de Minas e de Goiás. (CORALINA, 1997, p. 36)

Não trata-se de uma história individual ou de um grupo pequeno, trata-se da história de vários povos do Brasil do século XIX que se relacionaram e promoveram profundas transformações no espaço que habitavam. As marcas de suas ações persistem no espaço-tempo e são notáveis até os dias atuais, fazendo com que a memória dos fatos ali ocorridos não se perca,

pelo contrário, se perpetue através das gerações por se tratarem de acontecimentos decisivos historicamente. Por isso é tão nítida a confirmação, por meio desses exemplos, da teoria de Assman acerca do *genetivus subjetivus* e dos locais como portadores da recordação.

Em *Espaço e Literatura Introdução à toponímia*, Oziris Borges Filho traz perspectivas sobre a análise espacial no texto literário que podem ser identificadas nos poemas de Cora Coralina. Ele afirma que os espaços “são fixos da personagem, são espaços em que elas moram ou frequentam com grande assiduidade” (FILHO, 2007, p. 35) e isso se traduz para a realidade de Cora ao perceber que grande parte dos poemas escritos por ela trazem ora como temática ora como referência à Cidade de Goiás, onde ela nasceu e morou grande parte de sua vida.

Nos poemas *Minha Cidade* e *Rio Vermelho*, o espaço assume um papel quase central caracterizando uma temática principal. No caso o espaço urbano da cidade é tão significativo que chega a se confundir com a própria pessoa do eu lírico, ele e o espaço se interseccionam e se manifestam como um só, isso pode ser observado nos seguintes versos:

Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas,
curtas

Eu vivo nas tuas igrejas
e sobrados
e telhados
e paredes.

Eu sou aquele teu velho muro
verde de avencas
onde se debruça
um antigo jasmineiro,
cheiroso
na ruinha pobre e suja.

Eu sou estas casas
encostadas
cochichando umas com as outras,

Eu sou a ramada
dessas árvores. (CORALINA, in DENÓFRIO, 2008, p. 37)

O espaço também é entendido por Oziris como uma “projeção psicológica da personagem” (2007, p. 36), apesar de ser utilizado o termo personagem tal compreensão pode ser estendida para a autora. Partindo para uma análise biográfica isso fica evidente, apesar de ter nascido e vivido por muito tempo em Cidade de Goiás, Cora Coralina viveu aproximadamente cinquenta e seis anos fora, grande parte de sua vida adulta, por isso a escrita desenvolvida por ela nesse período que faz referência a sua cidade é baseada na memória que ela carrega. Ou seja, o espaço da cidade na produção lírica dela sofre forte influência da projeção que ela faz do espaço. Os trechos seguintes confirmam isso:

Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.
Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
contando estórias,
fazendo adivinhação. (CORALINA, in DENÓFRIO, 2008, p. 37)

Meus longos anos de ausência
identificados no retorno:
Rio Vermelho - Aninha

Rio de uma infância mal-amada,
Meus barquinhos de papel
onde navegavam meus sonhos. (CORALINA, 1997, p. 44)

Além de estabelecer uma relação íntima entre Cora e o espaço da Cidade retratado em seus poemas, é nítida também a representação de sua própria história na produção lírica. Com fortes traços biográficos, Cora Coralina e seus poemas podem ser enquadrados no eixo das escritas de si e para apresentar uma confirmação veemente segue a análise da estrofe final do poema *Rio Vermelho*.

Rio Vermelho, líquido amniótico
onde cresceu da minha poesia, o feto,

feita de pedras e cascalhos.

Água lustral que batizou de novo meus cabelos brancos. (CORALINA, 1997, p. 46)

Ao empregar o termo líquido amniótico e falar do feto de sua poesia, Cora apresenta de forma metafórica o papel originário que o rio que corre ao lado de sua casa desempenha em sua vida e também no desenvolvimento de sua produção lírica. No primeiro verso a autora fala de líquido amniótico possivelmente por estar se referindo ao nascimento, e apresenta no último verso “batizou de novo meus cabelos brancos” para representar o seu retorno à cidade já no fim de sua vida.

5. Considerações finais

A partir da análise interpretativa tendo como viés o espaço como elemento formador das poesias de Cora Coralina, foi possível perceber, conforme a proposta de trabalho, que o elemento espaço na literatura está presente não como um adorno para uma narrativa, mas sim como um elemento constitutivo.

Na produção lírica de Cora, o espaço se revela como heterotopia em Becos de Goiás, também como portador da recordação em Jaboticabal, e como um espaço fixo devido à vivência em Minha Cidade e Rio Vermelho. Nestes últimos é possível perceber que o espaço não se limita a adorno e nem a elemento constitutivo, ele passa para um estágio central, assumindo a temática e caracterizando o foco, isso se confirma ao notar a mescla do eu lírico com os elementos espaciais.

Portanto, é possível notar que o espaço é de extrema relevância na produção lírica de Cora Coralina e em alguns momentos chega a assumir um papel central, além disso ele revela fortes traços biográficos identificáveis nos poemas dos quais infere-se uma escrita de si, pautada nas memórias e nas vivências da autora.

Referências

AMABILE, Luís Roberto. *O dia em que Drummond descobriu Cora Coralina*. Disponível em: <<https://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/o-dia-em-que-drummond-descobriu-cora-coralina/>> Acesso em: 11 de setembro de 2019

ASSMAN, Aleida. *Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe. Campinas - SP. Editora da Unicamp, 2011.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura: Introdução à topoanálise*. Franca - SP, Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Breve História do Espaço na Teoria Literária*. In errados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura. n.º. 10, ano 14, 2005, p. 125-134

BRANDÃO, Luis Alberto. *Espaços Literários e suas Expansões*. In Aletria. v. 15, 2007.

BRITO, Clóvis Carvalho. *Das cantigas do beco: cidade e sociedade na poesia de Cora Coralina*. Sociedade e cultura, v. 10, n. 1, Jan./Jun. 2007, p. 115-129. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/703/70310110.pdf>> Acesso em: 11 de setembro de 2019

CAMARGO, Goiandira de F. Ortiz de. *Poesia e memória em Cora Coralina*. Signótica, 14: 75-85, jan./dez. 2002. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/xmlui/bitstream/handle/ri/14620/Artigo%20-%20Goiandira%20de%20F%20c3%a1tima%20Ortiz%20de%20Camargo%20-%202002.pdf?sequence=5&isAllowed=y>> Acesso em: 11 de setembro de 2019

CORALINA, Cora. *Meu Livro de Cordel*. 8ª edição - São Paulo: Global, 1997

DELGADO, Andréa Ferreira. *Cora Coralina: A Poética do Sabor*. ILHA - Florianópolis, v.4, n.1, julho de 2002, p. 59-83. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15031/15651>> Acesso em: 11 de setembro de 2019

DELGADO, Andréa Ferreira. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. 2003. 498p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279866>>. Acesso em: 11 set 2019

DENÓFRIO, Darcy França. *Cora Coralina Seleção*. 3ª ed. rev. e ampliada - São Paulo: Global, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Corpo utópico, as heterotopias*. Tradução Salma Tannus Muchal. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

GLOBAL EDITORA. *Biografia Cora Coralina*. Disponível em: <<https://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=2077>> Acesso em: 04 de fevereiro de 2019

FRAZÃO, Dilva. *Biografia de Cora Coralina*. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/cora_coralina/> Acesso em: 04 de fevereiro de 2019

Recebido em 03/10/2019.

Aceito em 05/02/2020.